

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	37.º Anno — XXXVII Volume — N.º 1277	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	\$120	20 de Junho de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CRONICA OCCIDENTAL

Até parece — o nosso povo quasi perdeu a noção do mês de festança e foguetorios tradicional que ora deriva suavemente. Verdade seja — que, se nós não podemos entender-nos com o tempo, tambem este já não consegue entender-se conosco. Aguardáramos em Maio um mês taful de vestes e impertinente de aspeito, exuberante de flôres, e intermitente de chuveiro e trovoada. E' certo — não aconteceu assim. Se Peixinho — môço de forçado que hoje serve em uso elegante de orchideas e cravos de Nice — nos testemunha, num esgar de lamento, a raridade das lindas flôres desse mês, tambem o nosso barometro, tocado de melindres e escrupulos de sinceridade, marcou invariavelmente tempo variavel. Os dias surgiram-nos taes, que, bons, não tiveram sol que despertasse pruridos de vida luxuriosamente efflorescente nos caules dos roseirae, — e, mãos, não raiaram em tempestades que descarregassem as pilhas de nervos do portuguezinho politico... Todo este desarrazoado arrazoado vem a pêlo e a despropósito para dizer que não será motivo de deslumbro e espanto o apagado luzimento das festas, nacionaes e estranhas, profanas e catolicas, heter — e ortodoxas da epoca decorrente...

O povo perdeu a noção do tempo. O tempo perdeu a noção da existencia miser dum povo.

Por varios motivos, têm sido contrarias as circumstancias do mês de Junho. Não festejámos com aparato e convicção as suas festanças tradicionaes. Tambem, Junho, que soia ser de humôr constante e tórrido calôr, mostra sombrio o semblante, irritada e esfriada indole, e mudavel té ao exagero a condição do seu temperamento.

Momento a momento, a face do ceu muda de expressão. Momento a momento, Lisboa muda de resguardo vestiario. Ora, sopra de envez nordeste frio, ora cae esmagadôramente sobre a terra uma calma de asfixia. Assim, não causa estranhêsa que vejâmos transeutes, ao meio-dia, aconchegados de abafos e sobretudos ricos de peles, — e transeutes, á meia-noite, discorrendo pelas avenidas, ao léo, de jalecas de alpaca e chapêus de Panamá.

As alternativas desorientadôras do tempo contribuíram, por certo, em muito, nestes dias, para o apaziguamento mazor-



TAÇA DE HONRA OFERECIDA PELO JOCKEY CLUB DO RIO DE JANEIRO AO VENCEDOR DO PREMIO «ESTADOS UNIDOS DO BRASIL» NAS CORRIDAS DE BUENOS AYRES, A REALISAR EM 19 DE JULHO DE 1914.
(Executada nos ateliers dos srs. Leitão & Irmão, de Lisboa)

ro da indole festangueira do nosso povo. Evidentemente, falamos de metereologias — não queremos, por ora, destrinçar questiúnculas de política para não lhes atribuímos a causa desta *abafada e vil tristeza* que impende agonicamente sobre a nossa alma de lusitadas em decadencia.

Ano passado, alguém marcou presto no calendario, em homenagem a Camões, um dia de gala, dia de festa, dia de cidadão encantamento, que serviu de pretexto comodo para estralejar de foguetes e bombas de dinamite.

Desta vez, Camões, no dia assinalado da sua comemoração, abandonaram-no de todo... Passou-se, assim, a mais, em disfruto, um sueto nas repartições do Estado. Sómente, 10 de Junho foi lembrado com carinho e saudade imarcessível pelos filarmónicos de Castelo-de-Vide — que vieram de longada até Lisboa, numa jornada de luto á campá do malogrado mancebo e camarada, vítima do petardo libertario, na rua do Carmo.

Nem Santo-Antonio, santo bonito e ladino, taumaturgo e oradôr, querido de moças e peixinhos, nato de Lisboa e escamoteado de Padua — teve festa condigna no dia de seu nome. Cremos, não seria em homenagem ás suas virtudes e sabedorias, que se realizou tourada nocturna em Algés.

Entretanto, a Praça da Figueira armou em alpendre de flôres. Dispunham-se, em fila, vasos de mangericão engalanados, cada qual, com versos de amôr em papel setíneo de bandeirolas. Os harmoniuns enrouqueciam de esfalfamento nos discordes das modinhas.

Houve zapateados de fandango e meneio lascivo de danças em roda. Noite alta, das casas-de-malta, saíam, cantando e rindo, numa procissão de bohemia, braço com braço, sexos promíscuos, bandos de gente, balões venezianos em punho, por bécos esconsos e travessas vêsgas, em fóra.

De onde a onde, alguém, assomado ao varandim duma agua-furtada remota, riscava a escuridão, em girandola, com a flama relampagueante de fosforos-de-côr...
Eis tudo!

Rebentou, como bomba, na casa do Parlamento, o escandalo das Portas de Rodam. Dahi resultou uma fumarada perturbadôra e dispersiva que se insinua alicia-doramente por todos os arraiaes de politica indígena e ergue em lucta e desvairo todos os animos.

Mas, em resumo e analyse ultima, que significa a debatida, pró e contra, questão das Portas de Rodam?... Endrómina de escandalo, urdida á sombra do Regimen. Meramente, á luz da Constituição — se é que a Constituição a tem — o caso pôde ser resolvido. Em beneficio dum grupo de que faz parte, o actual deputado, o ex-ministro do Fomento, foi feita uma concessão que tem por alcance o aproveitamento da energia das quedas d'agua de Rodam.

Foi realisada essa concessão?

Parece que sim.

E' licita essa concessão?

Parece que não.

Opõe-se-lhe terminantemente o art. 21.º e paragrafo da Constituição.

Questão murmurinhenta — reconhecemos que dela resultará a unica virtude de aclarar situações e definir atitudes. Ber-

nardino que era o traço-de-união cordeal, liâme conciliatorio de todos os partidos politicos da Republica-Portugueza, arremessa-se, agora, prestes, de rompante, para os lados de qualquer facção politica. Na verdade, desde já, começa a perder muito do interesse e carinho que lhe votavamos. Não, pelo facto de se ter agregado de espirito e coração á politica de partido. Sim, porque rasga de vez a sua máscara de político. Põe em frangalhos e joga de arremesso a sua túnica inconsutil de diplomacia.

Perdõem-nos que digâmos — Bernardino com diplomacia era quasi tudo. Bernardino sem diplomacia é quasi nada... Entretanto, achavamos a gosto ditos e gracejos debicados, de mês em mês, por S. Ex.^a na casa do parlamento e extratados com fidelidade no Diario das Sessões.

Lamentamos que Bernardino arroje o seu imponente dominó de mascarada para mostrar-se-nos assim, de peito a nú, escazelado...

Por vezes, neste mesmo logar, temos irrisado de ironia alguns passos da vida-publica do illustre homem-de estado. Ironia benigna — ironia que resvala cariciosamente pela sua epiderme já cortida. Demais, nunca S. Ex.^a teve o mau sestro de se dar por ofendido — antes, consoante confidencias de amigo comum, Bernardino, nome familiar e carinhoso que desde pequeno lhe dispensamos, acha, tanto ou quanto, sumo de graça ás nossas considerações. Se acaso não nos remeteu ainda cartão de agradecimento, por maneiras outras, mais cordeaes, mais delicadas, mais suas, ele pode manifestar, a nosso respeito, a sua bonhonica disposição. Sempre que nos enxerga, atira-nos, com agrado, cumprimentos — que, diga-se de passagem, partindo de quem partem, não visam a distinguir-nos, mas a incrustar-nos confusamente na massa anonima da multidão.

Outro dia, iamos nós de tipoia por avenidas fóra — quando presentimos de longe, discorrente de galgão, businante om furia, nimbado de poeira e fumarada, um automovel governamental. Proximo de nós, o automovel abrandou de andamento em mesura, e arremessou inevitavelmente á portinhola a fisionomia de Bernardino que se iluminava, para nós, ao sol-poente, duma auréola de sorriso irresistível.

Alfim — alguém murmura a nosso lado — a sua cordealidade e a sua diplomacia andam a par e momento a momento se atraíçom. O desejo inflante de revelal-as, a despropósito de tudo, põe Bernardino a descoberto. Vejâmos.

Passou a ponte do Poder. Para a sua barcaça de governo, só teve a gosto levar nos seus braços de pae meninos do democratismo indígena. Arreliou de relance os partidos de politica adversa.

Seria diplomatico?...

Não foi cordeal.

Noite de representação repetida do *Tango* do Schwalbach, Bernardino, assistindo de camarote, ao ver surgir á luz da ribalta a caricatura viva da sua efigie, destampou, a meio da scena, uma destas gargalhadas sonóras, de regougo, longas, que seriam de Jupiter por serem tonantes.

Seria cordeal?...

Não foi diplomatico.

Em parlamento pleno, interpelado sobre o caso de apreensão de gazetas várias,

respondeu, sem hesitar, com entôno, textualmente, assim:

«Ao nosso correligionario que me quiz ouvir sobre a apreensão de jornaes, eu direi que, em Portugal, assim como não ha opinião monarchica nem partido monarchico, tambem não ha jornaes monarchicos: ha pasquins!»

Seria diplomatico?...

Seria cordeal?...

Assim, nosso Bernardino começa a perder muito do interesse e carinho que lhe votavamos. Rasga de vez a mascara de politico. Põe em frangalhos e joga de arremesso a tunica inconsutil. Aos poucos, esborôa-se a sua esfinge.

ANTONIO COBEIRA.



Uma Taça de Honra

Esteve por alguns dias exposta ao publico, em Lisboa, na joelheria dos srs. Leitão & Irmão, ao cimo da rua Garrett, uma bela obra de ourivesaria, que é mais um primoroso trabalho sahido dos *ateliers* destes acreditados joalheiros, onde aliaz se tem produzido tantos outros de aprimorado gosto e arte, sendo um dos mais notavis e recentes, a caravela oferecida ao sr. D. Manuel de Bragança, por ocasião do seu casamento, o ano passado, por um grupo de monarchicos portuguezes (1).

O Jockey Club do Rio de Janeiro, escolhendo para execução desta obra a joelheria dos srs. Leitão & Irmão, de Lisboa, deu á ourivesaria portugueza a honra da preferencia, proporcionando-lhes ensejo de produzir mais uma bela obra de arte, que não desmerecerá do fim a que é destinada como premio de alta importancia desportiva internacional.

A simples observação da gravura que apresentamos diz da elegancia geral da peça, que é de forma cilindrica rematada em cima e em baixo por fortes molduras revestidas de folhas de louro. Pela parede do cilindro corre um *steeple chazé*, gravado a agua forte, interrompido nas duas extremidades, de um diametro, por dois escudos em alto relevo, representando um. o emblema do Jockey Club de Buenos Ayres, e o outro o emblema do Jockey Club do Rio de Janeiro. A peça, que mede ao todo 0^m,62 de altura, assenta sobre uma base de jacarandá pulido e é rematada superiormente por um grupo formado por um pégazo levantando vôo acompanhado por uma figura na atitude de coroar.

Na taça lê-se a seguinte inscrição:

*Ao Vencedor do premio
ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
disputado em Buenos Ayres
em 19 de julho de 1914
Offerece o Jockey Club do Rio
de Janeiro*

Durante os poucos dias que esta peça esteve exposta, foi muito apreciada, tendo sido vista por suas ex.^{as} o Embaixador e Embaixatriz do Brasil e mais pessoal da embaixada, merecendo justos elojios, que muito honram os autores desta bela obra e as gloriosas tradições da ourivesaria portugueza.

(1) Veja OCCIDENTE, vol. XXXVI de 1913, L.º 1251, pag. 293.

Corneille Dusart



Mercado de Peixe

Coleção Moreira Freire

A MINHA ARTE



Dêixa boiar as velas dos meus olhos
No mar de leite do teu corpo lindo...
Cabello ás ondas... A alma em luz sorrindo
Modula barcarolas, de giolhos.

Barca de amor vogando em mar sem escolhos,
Larga uma esteira tremula fulgindo,
— Via Lactea genesisica florindo
Lirios, cecens e rosas sem abrolhos...

Lindo jardim que o meu olhar inflora!
Luz da manhã! Regresso à minha aurora
Na graça espiritual de contemplar-te.

Nasceste em mim. Nasci de ti. Nos teus
Olhos — eu bebo a minha vida... Ó Deus,
Ó ambição, ó sonho, ó minha Arte!

Antonio Lobaina

PELO MUNDO FÓRA

O gabinete francês *Doumergne*, que ainda ha pouco teve um triumpho eleitoral, foi obrigado a abandonar o poder, em consequencia de divergencias na applicação da lei militar dos tres annos e do emprestimo de dois milhares de milhões de francos, reclamados para as despesas militares e navaes. Alguns collegas do sr. Doumergne eram adversarios da lei dos tres annos, pois seguiam a doutrina approvada pelo congresso radical de Pau, em que se proclamou o regresso á lei dos dois annos. A Russia mostra-se altamente preocupada com essa orientação, pois não pode admittir o enfraquecimento militar da sua alliada.

Mas a verdade é que a França, após as recentes eleições, ficou á mercê dos socialistas, chefiados por *Faurès*, que é hoje o arbitro da situação e que na *Humanité* de 11 de Maio dizia: — *Desafiamos a reacção a que mantenha, contra a democracia, contra a França, contra a segurança nacional, a arma insensata e funesta da lei dos tres annos.*

O sr. *Poincaré*, cuja eleição á presidencia em 18 de Fevereiro do anno passado, não foi do agrado dos radicaes da extrema esquerda, tem chamado varias entidades para formar gabinete, taes como *Viviani, Delcassé, Dupuy, Peytral*. Finalmente, acceitou o encargo o sr. *Alexandre Ribot*, que se propõe seguir uma orientação nitidamente orientada na politica dos grupos da esquerda.

O grupo radical socialista delibera, por 109 votos contra 4, que todos os seus membros lhe recusem a sua confiança. O ministerio apresentou-se na Camara dos Deputados, e cae em seguida. Dão-se incidentes nas ruas. Os jornaes moderados e conservadores attribuem a responsabilidade da situação aos partidos avançados.

Recorreu-se de novo ao sr. *Viviani* que acaba de constituir ministerio, com a colaboração dos srs. *Martin, Malvy, Augagneur, Messimy, Gauthier, Raynaud, Thomson, Renoult, David e Conyba*.

Tem sido muito fallado um caso succedido entre a grande tragica *Sarah Bernhardt* e o celebre escriptor *Eduard Rostand*, auctor do *Aiglon*, cujo exclusivo de representação pertence áquella actriz. *Eduard Rostand* contractou com outro theatro a exhibição do *Aiglon* em films animatographicos e *Sarah Bernhardt*, prejudicada, move ao poeta um processo, pretendendo prohibir-lhe a exhibição da peça noutro theatro, argumentando que aquelle drama fazia ha muitos annos parte do repertorio do seu theatro; que fôra ella que creara a reputação de que hoje gosa a peça, e que estava estipulado entre ambos que o auctor não podia retirar a peça da scena nem tão pouco faze-la exhibir noutro theatro.

O processo segue seus tramites, e o desfecho devia dar-se no dia 18 do corrente.

Rostand, mais uma vez foi grande. Dirigiu-se ao advogado de *Sarah* a participar-lhe que *mais depressa cortaria as mãos do que intentaria pleito contra Sarah Bernhardt*, não havendo forças que a isso o levassem. Dava todas as explicações á sua grande amiga e declarava-lhe que, se isso podia satisfazer os seus advogados, abandonava a totalidade dos seus direitos sobre essas representações animatographicas que tanto a atormentam, beijando-lhe respeitosamente as mãos...

A genial artista, não quiz deixar de corresponder ao nobilissimo gesto de *Rostand* e dirigiu-lhe esta carta:

«Dax, 6 de Junho.

A carta de *Dduard Rostand* derrubou todos os argumentos que eu tinha invocados. Em nome dos meus direitos lesados, ha dois menses, pedi ao meu grande amigo e poeta, que mandasse retirar o titulo *L'Aiglon*. «Peço-lhe, dizia, que dê a essa fita o nome — *Fils d'Empereur* ou *Duc de Reichstadt*, ou qualquer outro nome a seu bel-prazer, mas não *L'Aiglon*.»

Respondeu-me que com profundo pesar seu não podia attender o meu pedido. Mandeí então proceder judicialmente, não contra elle, a quem muito estimo, mas sim com a esperanza de chegar até junto de seus logares tenentes.

Respondeu-me agora que me abandona todos os direitos que são de doze por cento sobre o productó realizado, depois de pagas todas as despesas feitas por *Hertz* e *Coquelin*, os quaes annunciam ter já gasto mais de um milhão. Julgo que os direitos do poeta se elevam a duzentos mil francos.

Recuso esses duzentos mil francos. Nunca pensei em pedir dinheiro a *Rostand*: o que eu desejava era salvaguardar os seus interesses e os meus, pois que *Hertz* annuncia já para o anno que vem a *Princesse Lointaine* que eu, pela minha parte, espero ha oito annos. O gesto liberal do poeta provocou o meu gesto de recusa. E é d'isto que eu previno o meu illustre advogado *Mr. Clunet* — esse advogado de causas justas — de que não posso enviar *lis blen* ao meu poeta.

Sarah Bernhardt.»

A Italia está soffrendo uma grande agitação politica que põe em perigo as instituições, não obstante a orientação eminentemente liberal e progressiva do rei *Victor Manuel*.

No dia 7 realisou-se em *Ancona* a festa do *Statuto*, isto é, da Constituição, festa official que se celebra em todo o paiz e que se caracteriza por revistas militares e manifestações patrioticas. N'aquella cidade os anarchistas, socialistas e republicanos puzeram-se de accôrdo para perturbar a manifestação nacional e organisaram um comicio em honra de *Masetti*. Este heroe libertario era soldado de infantaria quando ha tres annos o seu regimento devia partir para a *Lybia*. O coronel fazia um discurso patriotico na parada do quartel. *Masetti* dá-lhe um tiro, e, em vez de soffrer a condemnação geralmente seguida n'estes casos, foi apenas exautorado e condemnado a reclusão. Passou logo á categoria de heroe; o seu nome é ao mesmo tempo symbolo e bandeira. Em toda a Italia se fazem comicios pró *Masetti*. O mesmo se pretendia fazer em *Ancona*, mas a

policia prohibiu-o, attendendo ao acto solemne que se celebrava.

Os agitadores conseguiram reunir-se no arrabalde, dirigindo insultos ao exercito.

Acabado o comicio, os participantes esquentados entraram de provocar toda a gente. Surgem os consequentes tumultos, ferimentos e algumas mortes.

No centro da cidade — na *piazza Roma* — tocava a orchestra, que a populaça esfrangalha, aos mesmo tempo que se assaltam os estabelecimentos.

Os officiaes são aggreddidos nas ruas.

No dia seguinte os factos repetem-se, e reproduzem-se em quasi toda a Italia.

Os syndicalistas solidarizam-se e decidem-se a fazer a *grève geral*, que occasionou dolorosas consequencias.

As ultimas noticias dizem-nos que em toda a *Romagna* os chefes revolucionarios affirmaram o ter-se proclamado a republica e que o rei e os ministros haviam fugido. Então, na maioria das localidades, içaram-se bandeiras vermelhas e derrubaram-se os escudos da casa de Saboya.

Logo se organisaram directorios republicanos que ordenaram o encerramento das egrejas e lançamento de impostos sobre os principaes proprietarios.

Escusado accrescentar a ordem de saque dos templos, herdades, etc. Quando porém se soube que no resto da Italia se restabelecera a ordem, a decepção foi terrivel. O chefe do movimento, o anarchista *Malatosta*, deu ás de *Villa Diogo*.

Os revolucionarios de *Ancona, Ravena e Forli*, ao saberem da chegada das forças militares, tentaram impedir-lhe as operações, mas tiveram que se convencer que não era ainda chegada a hora do seu dominio.

A Humanidade está cada vez mais irrequieta e bulhenta, como se vê. Elle é na Albania, no Mexico, na China...

Na Espanha tem havido o demonio por causa da guerra de Marrocos. Ainda ha dias, se deu um duello serio entre o filho do grande estadista *Maura* e o republicano *Soriano*, que ficou bastante ferido.

Na Inglaterra as suffragistas não descançam na faina de tudo destruir, sob o pretexto de conquistarem *votes for women*. Mas o povo é que está cansado de tanta loucura e pede em grita o banimento das terriveis mulheres. Alguns opinam pela condemnação a trabalhos forçados.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Sociedade de Geographia

4.ª Conferencia do tenente da armada sr. Jayme do Inso

«A Provincia de Timor»

No dia 23 de Maio ultimo, realisou o sr. tenente Jayme do Inso mais uma conferencia da serie que iniciou o anno passado, sobre as nossas colonias de Macau e Timor.

Na sala *Algarve* da Sociedade de Geographia, achava-se reunida uma selecta assistencia onde se viam muitas senhoras, e que, atrahida pelo interesse despertado pelas conferencias anteriores, onde o conferente frequentes vezes poz em relevo o

producto da sua observação tornando vividas as imagens colhidas naquelles nosos remotos dominios, escutou com verdadeiro interesse a instructiva prelecção de que damos um extracto.

Aberta a sessão pelo presidente, o sr. comandante Almeida d'Eça, fez este o elogio do conferente que, antes de apresentar o seu trabalho, agradeceu as amáveis palavras que lhe foram dirigidas pelo seu antigo e distincto professor, e fez varias allusões ácerca da deficiencia do ensino da nossa Historia, cujas poeticas lendas e aventuras sobriariam para encher de interesse encantador cada um dos capitulos de que ella se compõe.

Esse encanto, disse ainda, foi encontrado na aula tão proficientemente regida pelo sr. Almeida d'Eça, ao tratar d'uma das mais brilhantes paginas da nossa Historia, qual é a das descobertas maritimas; e se algum merito teem estes seus trabalhos, accrescentou, elle é devido em parte, ao mestre que assim lhos ensinou a traçar.



COMPANHIA DE BAUCOU EM PARADA, ANTES DE PARTIR PARA A CAMPANHA DE MANUFAHE
(Dezembro de 1912)



PALACIO DO GOVERNO DE TIMOR EM LAHANE — (Dilly)

Timor! aqui está um nome que faz apavorar os portuguezes!

Para quasi toda a gente se não toda, Timor é uma terra maldita, terra de exilio, onde só vivem condemnados.

— Será assim?

Em absoluto não é. Timor podia ser um paraizo se se lhe tivesse dedicado mais attenção; assim, tem sido um inferno onde porém, se pôde descortinar um ceu.

A vida de Timor passa-se ha seculos n'uma longa serie de revoltas e attentados onde muitos europeus teem morrido miseravelmente ao abandono entre requintes de selvagens.

A campanha de 1912, talvez a maior de todas as que tivemos n'aquella colonia, e que alguns officiaes não reputaram inferior á do Cuamato e a outras campanhas de Africa, foi fertil em actos de verdadeiro martyrio para os europeus; por isso começam aqui, ao fallar da guerra, as scenas cruentas d'um inferno. A morte do tenente Silva, decapitado de surpresa, e quasi á vista da esposa que, mal vestida e com os pés em sangue appareceu em Dilly, foi o facho da revolta, acceso em Manufabe. Foi mais do que uma revolta, foi uma verdadeira colligação para exterminar todos os europeus.

Em Dilly, passaram-se horas de indizível terror, aliás justificado, porque as forças de que dispunhamos para defeza numa das colonias mais agueridas, limitavam-se a uns 60 landins de Moçambique, e 40 europeus estiolados pelo clima, e dispersos pela ilha!

Estas scenas e perigos, não diziam com o aspecto sorridente e bucolico do porto de Dilly, e por isso, quando chegamos, foi esta uma das mi-

nas primeiras impressões: parece impossível que nesta pacifica solidão que a Natureza fartamente embeleza as vidas andem correndo os graves riscos da guerra.

Os indigenas de Timor, que não apresentam em geral o aspecto de robustez do africano, vivem num estado quasi selvagem. São pouco ou nada propensos ao trabalho, termo que não existe na lingua *teto*, teem um aspecto taciturno e concentrado, e a sua psychologia diz se que é extremamente complicada e escapa á nossa observação. Gratidão, reconhecimento e amizade, são qualidades que em geral desconhecem, mostrando apenas um entranhado amor á terra natal. O ideal do timor é possuir uma espingarda; andam sempre armados da *catana* (espada curta) e amam a guerra como um desporto.

São guerreiros ferozes e crueis para com os vencidos. O guerreiro valente, que já cortou cabeças, é chamado *assuai*, e arranca-las dum inimigo vivo, é o cumulo do heroismo.

Estas cabeças são consideradas como reliquias; lavam-nas, limpam-nas dos miolos, conservam-nas defumadas, e acompanham os *assuais*, até que são penduradas, nas arvores *lúlics*, ou sagradas, como tropheus.

De todas as praticas e costumes, o mais caracteristico e selvagem, é sem duvida o *Tebedae* de guerra, a terrivel dança das cabeças, onde se canta o *Lorsay*.

— O que é o *Lorsay*?
— E' um canto funebre como um hymno da Morte. Não o ouvi na embriaguez da victoria, mas imagino como elle ha de ser.

Ia uma vez a caminho de Lahane, um arrabalde de Dilly: na noite escura como breu, á beira da estrada, estavam uns guerreiros acocorados junto do posto á sua guarda, e por detraz delles, tres cabeças humanas penduradas. Um lampeão illuminava baçamente os vultros negros, immoveis, empunhando as armas gentlicas, quasi sem tremerem as penas que lhes eriçavam as cabeças.

E daquelles peitos tisonados, sahe de subito um canto lugubre, estranho e selvagem, que a pouco e pouco morre para reviver de novo num

côro sinistro, que se esvae de novo numa nota grave.

Parecem as lamentações soturnas das cabeças decepadas, soltadas lá do outro mundo como um rithmo de agonia abafado pela dôr!

Naquella toada de duas notas apenas, mais do que tristes, e arrastadas, estava o motivo do *Lorsay*!

São estas scenas proprias de selvagens, mas este ambiente de horrores e crueldades, é approximadamente o ambiente de Timor, onde na capital se passavam scenas repugnantes com os presos acorrentados, que eram verdadeiros farrapos humanos, mal podendo arrastar-se, e morrendo até 15 por dia no antro que lhes servia de prisão. Eu vi alguns a trabalhar, que não podiam já sequer com a padiola onde acarretavam apenas duas pás de terra como fariam duas creanças! Puzeram-lhes então aos hombros uns baraos de corda, e na pelle enegrecida, ressaltam manchas vermelhas da carne posta a descoberto pela fricção das cordas, como ás vezes se vê no dorso das bestas de carga mal tratadas.

E aquellas figuras, mudas, tetricas, deslisavam silenciosas, como phantasmas negros, abeirando-se da Morte!

Na vida moral tambem Timor tem sido um inferno, e em regra apenas transpiram odios e intrigas, o que aliás não é raro nas colonias, onde só deveria existir harmonia como entre irmãos.

Mas no meio de tanta tristeza e miserias humanas, ha seculos acumuladas, a Natureza pa-



UM AUXILIAR INDIGENA

rece sorri nos por todos os lados no seu eterno florir.

E' assim Timor, e por ser assim, não será difficil, no meio daquelle inferno, descortinar um paraíso.

..

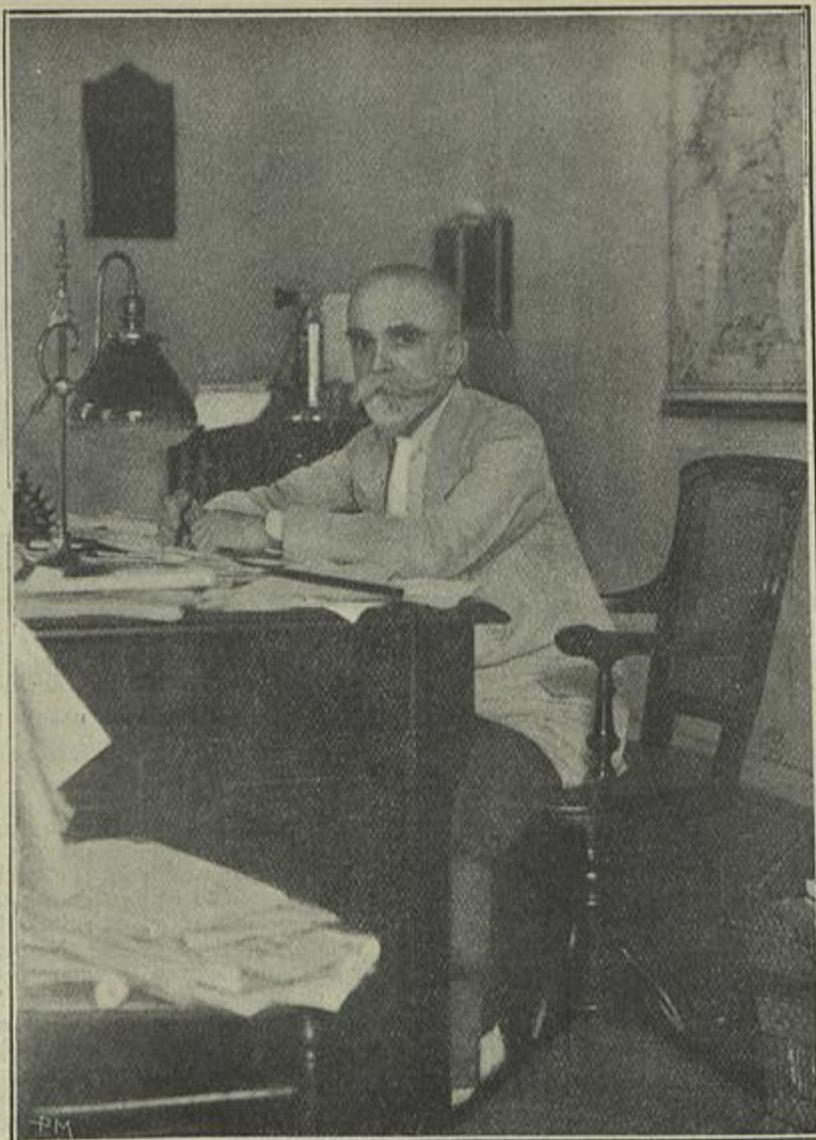
Dirão talvez que carreguei as côres do quadro, e por isso mereço a critica severa que deve applicar-se a quem pretende apoucar o valor do nosso esforço e da nossa raça.

O meu intuito não é esse; cinto-me apenas ao que observei, e ao que considero verdade, e para não me afastar d'ella, devo accrescentar algumas considerações que são correctivos que seria injusto calar. Não é de extranhar que outras colonias nos tenham absorvido os nossos melhores cuidados; emtretanto, o que ha feito em Timor, com tão minguidos recursos, representa uma grande somma de energias que difficilmente extranhos poderiam exceder.

A culpa que nos cabe nas praticas verdadeiramente canibaeas que alli se encontram, é muito atenuada se nos lembrarmos que entre uma grande parte dos indigenas da Oceania, as scenas das cabeças são costumes ancestraes que fazem parte dos seus *estyls*, especie de culto religioso, onde o europeu não pôde intrometter-se impunemente, a não ser pela acção do tempo e escudado na força, que mais ou menos sempre alli nos tem faltado.

— O que succede em Samátra?

Ahi haverá ainda selvagens no estado de pureza primitiva, e segundo ouvi dizer, os hollandezes teem, uns postos no littoral onde a sua auctoridade é tão limitada, que para



PRIMEIRO EMBAIXADOR DE PORTUGAL NO BRASIL,
SR. DR. BERNARDINO MACHADO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

A Embaixada Portuguesa no Rio de Janeiro

Devido ao nosso estimado amigo, sr. Fonseca Baptista, chegado ha pouco da sua viagem ao Brasil, podemos hoje publicar algumas gravuras da embaixada portugueza no Rio de Janeiro, reproduzidas de fotografias, que o mesmo sr. fez durante a sua visita á Capital Federal.

Estas fotografias tem um particular interesse, pois foram colhidas na intimidade do viver do primeiro embaixador de Portugal, em Terras de Santa Cruz, o sr. dr. Bernardino Machado, no seu gabinete, naquella assiduidade de trabalho que constantemente o preocupa e que mais se afirmou na difficil missão que foi desempenhar no Brasil, em circumstancias excepcionaes, como é sabido.

Outro cliché, não menos interessante, representa as gentilissimas filhas do ilustre diplomata, as meninas D. Joaquina e D. Alzira Dantas Machado, que ali o acompanharam e, por ventura, tornaram, com o seu carinhoso amor filial, mais suaves as preocupações inherentes ao desempenho do alto cargo de seu estremecido pae.

Surpreendidas pela objetiva, nas horas de estudo, em seu jardim ensombrado, eis outro quadro intimo de familia, apreciavel por sua grande simplicidade.

O palacio da embaixada é um belo edificio, na rua do Senador Octaviano, entre os salubres e pitorescos setios das Laranjeiras e Aguas Ferreas, vendo-se por detraz o morro de Santa Tereza, na altitude de 364 metros, e que liga com o celebre morro do Corcovado, continuação da serra dos Orgãos.



Exposição de Fotografia Artística de A. Pratts

No suntuoso Palacio Foz, á Praça dos Restauradores, foi inaugurada no dia 13 do corrente, uma esplendida exposição de fotografias artisticas, que pela quantidade e qualidade, se tornou surpresa para Lisboa e constituiu acontecimento digno de registrar-se.

Todos hoje teem visto fotografias nítidas, de agudeza e inquiridora minuciosidade que excede toda a visão natural, recortando-se mecanicamente em contornos quasi microscopicos que só a objectiva alcança. E' isto uma boa fotografia, que todos apreciamos como produto mecanico de uma boa maquina e de um bom operador.

Mas é fotografia, com toda a imobilidade e frieza que a caracteriza, sem alma, inexpressiva.

A fotografia de que ora se trata, porém, é a resultante de uma revo-



MENINAS JOAQUINA DANTAS MACHADO E ALZIRA DANTAS MACHADO,
NO JARDIM DO PALACIO DA EMBAIXADA

se abastecerem de agua, teem que pedir licença ao chefe da tribu vizinha para a irem buscar.

— E quantas centenas de cabeças não serão sacrificadas annualmente nessa vastissima ilha, ao som de cantos sinistros como o *Lorsay*?

Por esse facto ninguem ainda accusou, que eu saiba, os hollandezes de não saberem colonisar.

— O que se passa na ilha de Borneu?

Ainda ha cerca de 20 annos andou um viajante inglez cujas curiosissimas memorias li em parte, e por onde soube que em certas tribus os homens não podiam aspirar á conquista d'uma noiva sem lhe mostrarem uma ou mais cabeças que tivessem ido colher á tribu vizinha?

— O que se passa hoje por lá?

E comtudo ninguem chamará aos inglezes maus colonisadores.

E' que extinguir esses habitos sanguinarios enraizados pelos seculos, não é tarefa facil.

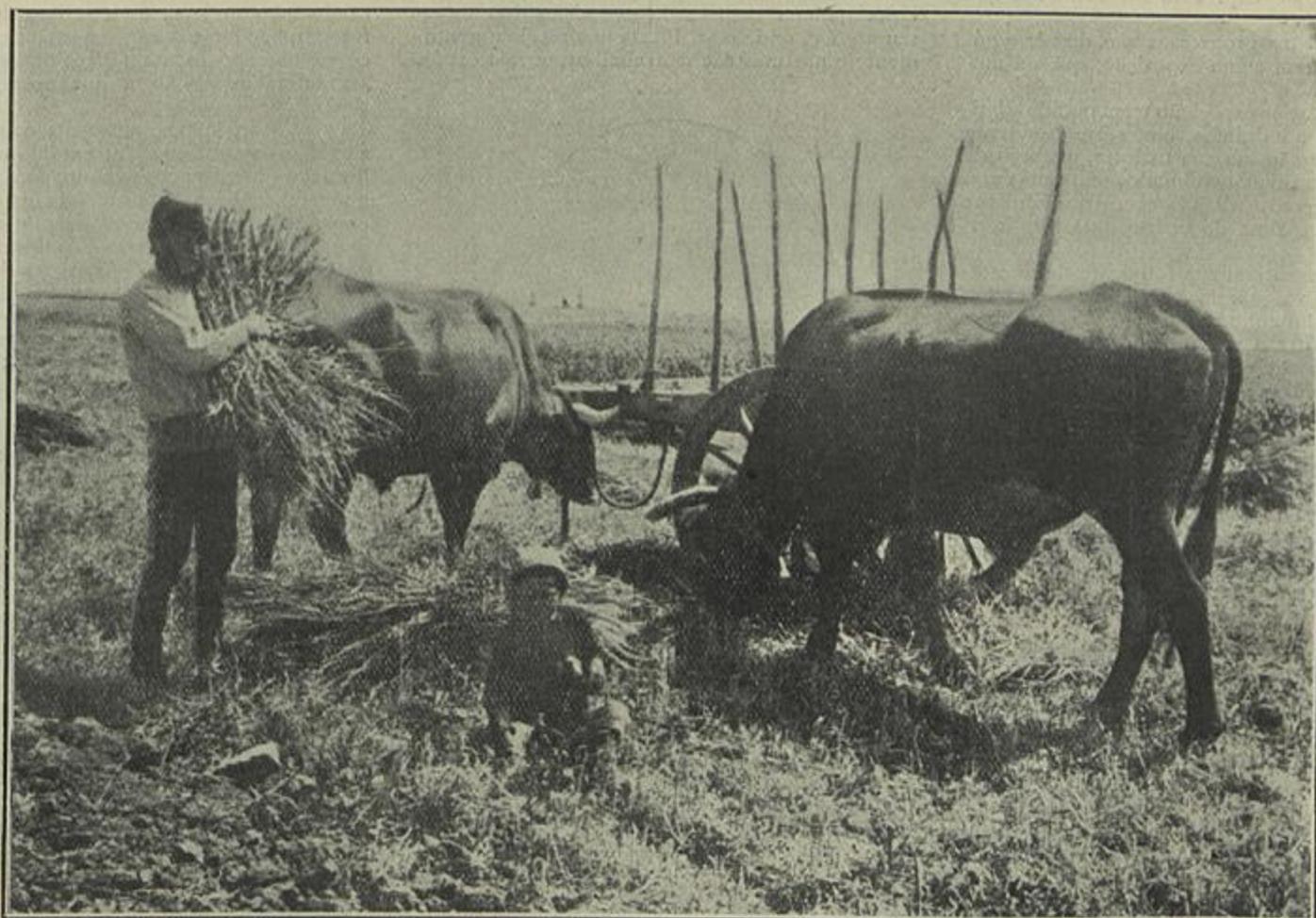
(Continúa.)



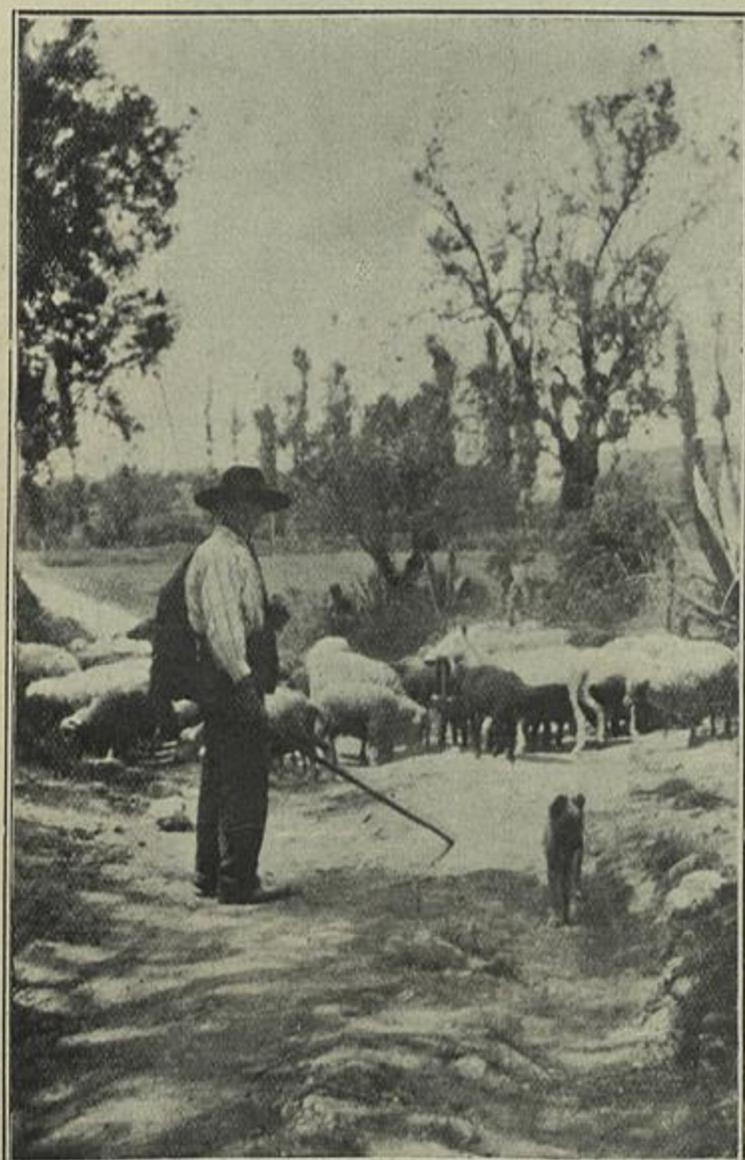
PALACIO DA EMBAIXADA PORTUGUEZA, NO RIO DE JANEIRO

(Clichés do sr. Fonseca Baptista)

Exposição de Fotografia Artística de A. Pratts



A HORA DA RAÇÃO (Carregado)



O REBANHO (arredores de Coimbra)



LAVADEIRAS NO MONDEGO (Coimbra)

(Clichés do sr. A. Pratts, fotografo amator)

lução que vem manifestando-se ha tempo, procurando libertal-a dos rigores da mecanica, numa aspiração livre de expressão e sentimento que lhes faltava.

Neste sentido os progressos são de vêr e podem bem observar-se na exposição, que dá motivo a estas linhas.

Os visitantes desta exposição teem podido admirar, como nós admirámos, uma série de oitenta fotografias que são, na sua maioria, quadros de realidade, expressivos e animados, em que a mecanica da objectiva desaparece, triunfalmente substituida pela alma do artista, que lhes insuflou vida.

Já não são propriamente fotografias que estamos vendo, são aguarelas, desenhos a pastel, a carvão ou a esfuminho que nossos olhos vêem e, contemplando ora a paisagem, ora a figura, ora as marinhas ou os panoramas, em tudo encontram belos motivos que o artista soube procurar para a serie de quadros que apresenta.

A par dos costumes e da inconfundivel paisagem portugueza incluindo a desses jardins do Atlantico, Madeira e Arquipelago Açoriano, os olhos divagam pelo nevoento Tamisa por onde, entre brumas, se vê o grande Palacio do Parlamento londrino, ou os efeitos de inverno nos Campos Eliseos e Bosque de Boulogne, ou a soberba entrada do Guanabara com o singular Pão de Assucar, e Nice e Biarritz e Sevilha com seu esplendido sol e touros, e Monte-Carlo em noite de luar, e Marrocos com seus costumes e muralhas, todo um cinema que perpassa á nossa vista, num estonteamento de curiosidade e interesse.

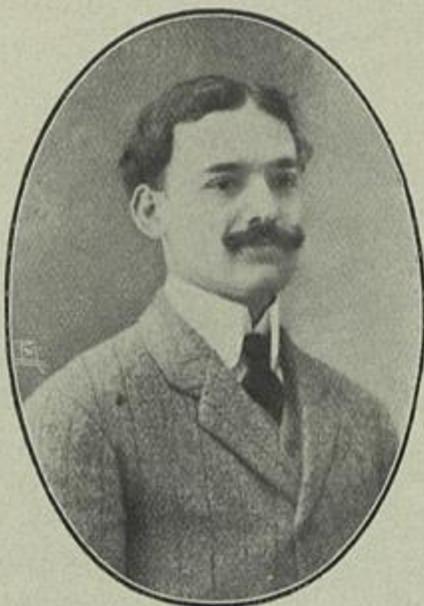
Para colher tão variados assuntos o sr. A. Pratts tem viajado muito e foi nessas viagens que iniciou seus estudos de fotografia.

O sr. Archimedes Pratts Silva, nasceu em Tanager, e fez o curso de desenho na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Revelando nesse curso belas disposições para

a Arte, eram essas disposições uma promessa que mais tarde ou mais cedo tinha de cumprir.

De como a cumprir podémos nós apreciar, na visita que na vespera da exposição fizemos ao seu *atelier*, onde o sr. Pratts nos recebeu gentilmente e nos mostrou os trabalhos, que, ia expôr.



ARCHIMEDES PRATTS SILVA

Então nos contou como a fotografia o tinha atraído.

Residindo em Londres por algum tempo, ali travou conhecimento com Mr. Lintott, fotografo de suas magestades britannicas, com o qual se iniciou na arte de Daguerre e nos seus mais modernos processos.

Com sua grande intuição artistica, facil lhe foi passar dos dominios da fotografia aos dominios da arte e então os pequeninos *clichés* que foi tirando, não maiores de 4x6 centimetros, deles fez ampliações e viragens em diferentes tons e côres, obtendo os magnificos quadros que apresentou na exposição a que nos estamos referindo.

O sr. Pratts não se apresenta como um profissional, mas sim amador; entanto os seus trabalhos são de artista consumado, pois mostram bem que ele conhece os processos da fotografia na evolução que esta está realizando e que lhe dão lugar distinto nos dominios da Arte.

Esta exposição está sendo devidamente apreciada pelo publico amator de coisas de arte, sendo já consideravel o numero dos quadros adquiridos, até á data em que escrevemos, podendo registrarem-se os seguintes:

Le Rocher de la Vierge (Biarritz), pelas sr.^{as} D. Julia Siqueira Brito; *Esperando a maré*, D. Emilia Clemente; *Um dia de inverno nos Campos Elisios*, D. Angelina Cruz; *O Rebanho*, D. Julia Cruz; *Costumes da Ilha da Madeira e Carro de bois*, D. Isaura Pedroso; *Barco de Vila Franca*, D. Elisa Botto; *Uma azenha*, D. Hortense Telles; *Palacio da Pena*, D. Francisca de Sousa; *Barco de pesca*, D. Isaura de Sousa; *Caes de Setubal*, D. Alice Gonçalves; *Panorama de Alemquer*, D. Laura Vieira; *Um moinho*, D. Elvira Coelho; e *Torre de Sinais, na Ilha da Madeira*, pelos srs. Benjamim Filipe; *Mãe e filho* (Odivelas) e *Recordações do passado*, (Coimbra), D. Caetano de Bragança.

As reproduções de quadros que apresentamos são apenas um pequeno specimen dos muitos e belos trabalhos desta exposição, para a qual não podemos neste numero dispôr de maior espaço.

A exposição, que tem sido um *rendez-vous* da distinta sociedade lisbonense, continua ainda aberta por mais dias, tocando ali um excelente tercetto.

Festa no Theatro Nacional Almeida Garrett em homenagem á memoria do actor José Carlos dos Santos



Busto de José Carlos dos Santos
(Escultura de Costa Motta Sobrinho)

ARTISTAS QUE TOMARAM PARTE NA FESTA

Em o n.º 1275 do OCCIDENTE de 30 do mez passado, referimo-nos ao grande actor que foi José Carlos dos Santos a proposito da homenagem que á memoria do mesmo artista se ia realisar, em 4 do corrente. Essa homenagem foi uma consagração postuma a que os principaes artistas dramaticos se associaram, muitos d'elles discipulos do grande mestre. Representaram-se cenas do *Marques de Villemar* pelas actrizes Virginia, Lucinda Simões, Delfina Cruz, Maria Pia e os actores Brazão, Alvaro, Ignacio Peixoto e Queiroz; *Maria Antonieta*, pelas actrizes Amelia Vieira, Palmira Bastos, Leonor de Faria, Celeste Leitão, e actores Carlos Santos, Joaquim de Almeida, Pato Moniz, João Gil, Antonio Pinheiro, José e Ricar-

do; *Tartufo* pelas actrizes Angela Pinto, Augusta Cordeiro e actores Augusto Mello, Joaquim Costa e Teodoro dos Santos. O sr. Augusto de Lacerda leu uma biographia de José Carlos dos Santos. Artistas recitaram poesias em frente do busto do mestre, que primeiro fôra colocado no palco e depois no salão, onde o sr. dr. Augusto de Castro, num brilhante discurso fez o elogio do grande artista, convidando depois o sr. Ministro da Instrucção a descerrar o busto. O publico que enchia o theatro manifestou-se em repetidos aplausos a todos os artistas.

A consagração do grande actor foi completa, no mesmo palco de suas maiores glorias.

Teatro Politeama — A Revista Traços e Troças



Pelos Teatros

Politeama

Este elegante teatro inaugurou a sua época do estio com a representação da revista — *Traços e troças* — peça, sob aspectos varios, excelente e digna da concorrência numerosa, que, noite a noite, sem favor, a aplaude.

Nosso camarada nas lides do jornalismo, o sr. Eduardo Coelho, conhece muito bem, por detalhes, os acontecimentos culminantes da nossa sociedade, para comentá-los, á luz da ribalta, convenientemente. Na verdade, o autor esmerou-se, na realização da sua obra — bem como os empresarios capricharam, prodigamente, na *mise-en-scene*, suntuosa e esplendorosa, da sua representação. Sem duvida, esta revista, bem urdida, ataviada de graça inofensiva, foge á banalidade insulsa dos teatros de terceira



QUADRO DAS BORBOLETAS — QUADRO DOS PERFUMES — QUADRO DAS HOLANDEZAS

O publico aplaudiu — e desta vez foi por vezes, senão sempre, justo nas suas apreciações. As palmas estrugiram, ao descer do pano, calorosas e sinceras.

Distinguiram-se, na representação, Cremilda e a gentil interprete da *Venus*.



Heloísa e Mariana

Nada mais caprichoso que o coração humano. Fonte de toda a vida moral, dêle, nasce, a sensação mais branda até a mais violenta paixão. E' brisa fagueira e ciclone temeroso; oceano que geme docemente em noites de luar e que rugue terrível em horas de tempestade.

Agitado por mil sensações, campo de luta dos mais descontraídos sentimentos, é, não só, a viscera por excelencia, mas o recesso mais intimo da alma humana, onde se define o caracter, a aspiração para o bem como a tendencia para o mal, o rasgo de que resulta o mais nobre heroismo como o gesto de que ressalta a mais ignobil vilania.

Embora os naturalistas neguem, ao coração, qualidades anímicas e façam convergir, no cérebro, todas as emoções, é certo, que, a esse órgão privilegiado, se

fazem, desde os principios da humanidade, todas as referencias do moral, considerando-o mais alguma cousa que um méro pendulo da existencia fisica que, em alternadas diástoles e sistoles, regula a circulação sanguinea, mas um verdadeiro centro de espiritalidade cujo papel psicologico é duma importancia extrema.

E' essa a linguagem da poesia e do romance, da arte e do vulgar. Como verdadeiro músculo que é, obedecendo a influxos nervosos, susceptibilizando-se com as mais leves co-

moções, altera-se nos seus movimentos e, rápido e ansioso, denota a perturbação da alma com a palidez ou rubor da face, com a dilatação ou retraimento da artéria; daí, a convicção das morais funções cardiacas, por tal fôrma vulgarisada, que a linguagem comum, a todos os momentos, o atesta.

E vá lá combater as revelações do hábito inveterado, neste ponto, tão corrente, como o que diz respeito ao movimento do Sol e á fixidez da Terra. Seria tentativa inutil que, apenas, mais nos convenceria que o uso é lei e lei soberana. Não queiramos, nós, ter a pretensão de traçar o caminho recto e, por isso, repitamos a a frase inicial deste modesto artigo: «Nada mais caprichoso que o coração humano.»

Mártires do coração, regista-os a historia a cada passo, como, a cada passo, os encontramos no decorrer da existencia.

Amar é sofrer, diz o proverbio, e, na realidade, é dogma que, a todos os momentos, se confirma e de que todos, por experiencia propria, se acham plenamente convencidos.

Quem ha que não ame, se a vida é amor? E quem haverá que não sofra, se a vida é sofrimento?

Embora o egoismo campeie infrene num dominio universal, a razão fria se imponha despótica, o cálculo aspire ao predomínio,



EDUARDO COELHO

categoria, onde a pornografia campeia, a passos descomedidos, descabelada, para gaudio das galerias.

Esmalta-o ridiculo serio da nossa época politica, bem acomodado ás condições duma peça de teatro que, se não se compadece de escandalos, é cheia de melindre e complacencia para as bagatelas pequeninas que caracterizam a nossa sociedade. *Traços e troças* — se intitula a revista, e esboçada a traços de troças apresenta, á nossa vista, maquilhadas de expressão, figuras flagrantes de realidade.

—o coração pulsa, as fibras afectivas vibram e o amor despontará, sempre, belo e radio-so, quente e vivificador, como o sol desfolhando as suas pétalas de ouro, por entre nuvens caliginosas, como a verdejante oásis temperando a aridez do deserto.

Ai da humanidade, sem esse nobre sentimento que nos faz viver vida de espirito, com as suas agruras, sem dúvida, mas também, com as suas alegrias mais intimas, com as suas esperanças mais risonhas, com as suas dedicações mais sublimes!...

Consultai o homem cheio de vida e de saúde, de fortuna e de bem estar, mas ermo de affectos; preguntai-lhe se é feliz, e um *não* de atroz desalento lhe escapará dos labios. Em seu espirito, existirá um vácuo, uma desolação que os bens materiais não conseguirão preencher, nem modificar. A alma humana assim como é sedenta de luz, também é sequiosa de affectos, por isso, ama, como raciona; vibram as fibras do coração como se exercitam as partículas do cérebro.

As tendencias afectivas notam-se, mais particularmente, na mulher. E' natural. E', ela, uma organização mais delicada, mais impressionável que o homem. Este, mesmo, pelo seu destino, não poderá ser tão amavel como a sua companheira. Tem de preparar-se, logo, de verdes anos, para as lutas da vida, para o labor ingrato, para o conflito dos interesses.

A sua vida mais expansiva afasta-o do seio da familia, a multiplicidade de impressões do exterior distraí-o, por isso, sem que deixe, todavia, de praticar as maiores dedicações pelos que lhe são caros, o homem não possui a sentimentalidade carinhosa e meiga da mulher em quem se reúnem, todos os dotes do ente, terno, por excelencia.

Como personificação do amor feminino, na sua forma mais sincera, veemente e dominadora, dá-nos, a França, Heloísa e, Portugal, Mariana.

São duas mulheres célebres que, tendo, certamente, muitas outras, suas irmãs, em igual destino, mas ignoradas, se elevam ao martirio do sentimentalismo, ganhando, nos anais do *muito amar*, uma grandeza épica, transmitida á posteridade nas paginas vívidas de uma epistolografia interessantissima.

Vítimas de um coração amantissimo, heroínas de uma luta íntima, muito se assemelham, até no ambiente monastico em que ambas se debateram e que lhes recebeu o derradeiro alento. Diferem, porém, nos entes, objecto dos seus desventurados amores. E, neste ponto, foi a nossa Mariana, incomparavelmente, mais desditosa.

Heloísa encontrou, no seu amante, uma alma superior, um espirito adoravel e que, nos impulsos de uma afeição profunda, tão bem, a soube compreender. Outra vítima, como ela, de um amor entranhadissimo, de uma paixão delirante que, aos pés da sua amada, depoz talento, saber, vida; ao passo que a Religiosa de Beja, só, viu, no homem, a quem se dedicou, sensualismo grosseiro, imbecilidade, desprezo, ultraje!

Foi uma verdadeira infeliz, para cujos devaneios de um coração, loucamente, enamorado, encontra a má fé, o vil ludibrio de um réles tarimbeiro e, para cúmulo da desdita, as expansões confidenciais dessa pobre mulher, ainda, foram atiradas, pelo herói do drama, á publicidade, ávida de

escandalo que lhe pagou, em metal sonante, a apetitosa *iguaria*.

E', simplesmente, abjecto!

*Tracemos, em rápido esboço, o perfil dessas quatro figuras de singular celebridade e apreciemos, por momentos, a sua índole.

Apesar da distancia que nos separa desses personagens, ainda, hoje, nos interessam os lances da sua vida de tanta affectuosidade. A' luz do moderno positivismo, esses amores, em que se debateram dois primorosos espiritos do século xii e um não menos primoroso coração do século xvii, aqueles, na esplendida cidade gaulesa e este, num modesto burgo lusitano, serão, talvez, excessivamente sentidos, exemplares curiosos de almas delirantes, doentias, reclamando energico tratamento; mas as condições particulares do meio, a fascinação do talento e da erudição, os encantos de uma formosura pouco vulgar aliada a uma intelligencia de não menos vulgar subtileza, como o caso de França; ou o garbo, a elegancia varonil e uma ingenuidade, uma candura de alma que, facilmente, se suggestionou com artificiosas palavras e fementidas promessas, como o caso de Portugal, explicam a índole romantico-dramática dessa amorosidade que tanto tem merecido a atenção da historia e da filosofia.

De facto, não estamos em presença de uns amores banais, mas em face de fenomenos de profunda e incomensuravel paixão que teve o mérito de impressionar o mundo inteiro. Ninguém ha que a ignore, que não tenha lido essas inimitaveis *Cartas*, palpitantes de poesia meiga e carinhosa, onde se encontram, em frase levantada ou singela, em estilo de sabios ou em linguagem espontânea e desafectada, tesouros de uma psicologia adoravel.

(Continúa).

DAMASCENO NUNES.



ROMANCE

Victor Debny

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

X

UM DRAMA FUTURO

(Concluido do numero antecedente)

O sr. Carbranches e Serafina fôram a casa de Anna depois de almoço.

— Wolfram, disse Anna, tenho que sahir com o general, Serafina será a sua companhia a Luxemburgo.

— Então onde vae?

— Curioso! Depois saberá mais tarde. A artista sahiu com o general.

— Como o encontra?

— Cada vez mais fraco.

— Fombreuse é essa a minha opinião. Quando penso que elle não se recorda d'algumas passagens do quintetto. E' necessario encontrarmos Fabio, foi seu discipulo, e lembrar-se-ha da musica que falta.

— As indicações que tem, Anna, serão sufficientes para sabermos onde estará.

Serafina foi de carruagem com Wolfram até ao jardim de Luxemburgo. Fombreuse já os esperava, a distancia a sr.^a Carbranches via brincar os pequenos.

— Sabe Mauricio, que meu pae fixou a epoca para o nosso casamento... será para o proximo outomno.

Fombreuse fitando Serafina, achou que esperar até á data combinada seria muito. A sr.^a Carbranches ria com elles, quando Fombreuse descreveu toda a cerimonia futura da igreja.

O vento trazia os sons de uma banda militar que tocava a distancia.

— Se fossemos ouvir? Imagino a multidão que estará a ouvir! D'uma vez Fabio perdeu-se de mim.

Os trombones ao longe traziam as notas d'um passo dobrado.

— Eis a musica, disse Fombreuse, que o povo gosta.

— Tem o instincto do rythmo, disse Wolfram.

— E' verdade o povo gosta de certa musica, como as creanças gostam das palhaçadas dos circos.

— Mas temos obrigação de o fazer gostar das obras de Gluck, Mozart, Wagner, e outros. Qual é a sua opinião, Fombreuse, sobre um seu drama lyrico?

— Penso n'um drama simples cuja acção seria o desenvolvimento d'uma paixão.

Serafina viu ao longe Anna Le Cozan.

— Anna possui um notavel encanto.

— O encanto dos seres que soffrem, disse Wolfram, a sua voz é uma viola d'amor.

— Ainda não a ouviu cantar depois que a voz lhe voltou?

— O seu proximo concerto será uma revelação.

— E' verdade que ella anda em combinações para cantar na Opera Comica pa-péis de genero classico?

— Nada sei. Ella aproxima-se.

— Então foi feliz Anna?

— Por emquanto nada posso dizer, creio que o general conquistará as palmas da victoria.

— E a senhora não me quer dizer nada!

— Mais tarde, sr. Wolfram, e dizem que as mulheres são curiosas.

— Os homens são discretos. Sabe Anna, o sr. Fombreuse disse-me ha pouco as suas ideias sobre o drama lyrico, e estou certo que pensou na grande artista.

— O quê, pensou em mim?!

— Foi para a sua voz que pensei em uma opera.

— Nada sei do que deve fazer uma mulher de theatro... (ella pensava na Salviane).

— Anna possui tudo para traduzir o meu ideal, não é verdade, Wolfram?

— Minha boa Anna, sois a alma que pode animar os heroismos da arte.

.....
D'ahi a poucos dias, Wolfram nunca mais pode sahir do seu quarto.

XI

REQUIEM

Uma tarde, o general acompanhado de Fabio, foi ter a casa de Anna Le Cozan.

— Naturalmente é o sr. Fabio, não é verdade?

— Sim, minha senhora, desejo ver o sr. Wolfram.

— Hoje é impossível. Tenho receio de qualquer comoção, preciso preparar a sua visita. Será melhor amanhã, de manhã.

Quando Anna soube que Fabio possuía o resto do quintetto, ficou contentíssima, e escreveu logo a Destalbert, que estava de passagem em Paris, para arranjar bons artistas para a leitura da obra de Wolfram.

No dia seguinte, o encontro de Fabio com Wolfram foi dos mais pathéticos. A phisionomia do pobre cego, parecia que se abria n'um esplendor supremo de felicidade eterna.

Anna, com os olhos cheios de lagrimas, assistiu aquella scena, deveras commovente!

D'ahi a dias, na sala de visitas de Anna, a Maria José arrumava alguns moveis e collocava aqui e alli algumas estantes sob as ordens da artista.

Bateram á porta, era Fabio, que entrou.

— Dorme ainda?

— Está tranquilla, a que horas vem Destalbert?

— Pelas tres horas.

— Só a essa hora, tão tarde...

Quando Fombrouse chegou, e olhando para as cabeças de Fabio e de Wolfram, notou que a primeira éra de beleza e a outra de intelligencia.

Maria José ia abrindo a porta a Steinbaum, Keradec, Buniere, Destalbert, general Carbranches e aos artistas.

— Como está Wolfram?

— Muito mal, é o fim.

Deu-se inicio ao quintetto, Wolfram ia recebendo aquella musica como um balsamo de conforto áquella alma que estava

prestes a subir ás regiões do mysterio. A agonia tranquilla de Wolfram fazia recordar Socrates.

— Anna, disse Wolfram muito a custo, diga-lhes que me deram uma grande alegria. A minha vida está por pouco.

Uma religiosa aproximou-se da cama do artista.

— O vosso crucifixo, minha irmã.

N'esta ocasião tocava-se o *largo* do quintetto.

— Que bella obra, disse Fombrouse ao ouvido de Steinbaum.

Destalbert disse em voz alta:

— Gloria ao genio.

Todos se levantaram e foram ao quarto de Wolfram. Junto do leito, Fabio chorava. A religiosa, de joelhos, resava. Anna disse:

— Wolfram! Wolfram!

— Morreu, disse a religiosa tranquillamente, os seus olhos estavam abertos para o céu.

A religiosa fez o signal da cruz.

— Eu sou indigno, disse Fabio.

Anna olhou para Fabio e com voz dôce disse:

— Wolfram, perdoara-lhe ha muito.

— Adeus, meu caro mestre, adeus minha grande alma. Agora, somente posso pensar na Arte, entro na minha religião.

Esta réligião era a grande arte, a *Amiga Suprema*, como o grande musico chamava á santa musica!

FIM



O ignorante está morto desde que vive; o homem de talento segue vivendo depois de morto.

NECROLOGIA

Manuel Diogo Neto

A paginas 5 do volume XXV do OCCIDENTE, n.º 829 a 830, comemorativo das bodas de prata ou vigessimo quinto aniversario da sua fundação, vê-se a gravura, que reproduzimos, de um grupo de artistas, que é hoje uma recordação saudosa da familia, deixem-nos assim exprimir, que esta revista constituiu, quando se fundou ha 37 anos.

Esse grupo de artistas representa uma parte de discipulos de Caetano Alberto, que a este foi oferecido com a dedicatória seguinte:

A Caetano Alberto da Silva nosso mestre e amigo, offerecem os gravadores do seu atelier no seu trigessimimo nono anniversario natalicio.

(Assinados)

Rosalino Candido Feijó.
José Augusto d'Oliveira.
Domingos Cazellas Branco.
José Antonio Kjolner.
Jorge dos Reis Boaventura.
Manoel Diogo Netto.
Antonio Francisco Villaça.

Lisboa, 7 de Agosto de 1882.

Se este grupo representa uma gratissima homenagem dos discipulos ao seu mestre, não significa menos o carinho que aqueles artistas tributavam ao OCCIDENTE e o entusiasmo que os animava por verem realisada uma aspiração que de ha muito vinha afirmando-se, qual a de se fundar uma revista onde a arte de gravura de madeira em Portugal tivesse a sua expansão e desenvolvimento como nos países mais adeantados.

Mercê de tantas e tão boas vontades, reunidas ao trabalho incessante de Caetano Alberto e de todos aqueles que com ele colaboravam, o OCCIDENTE conseguiu elevar a gravura de madeira ao maior grau de perfeição que ela atingiu em Portugal, distinguindo-se muito principalmente entre os artistas gravadores, Manuel Diogo Neto, cuja permatura morte, maguadamente temos hoje a registar nesta lutuosa secção.



Em pé: JORGE DOS REIS BOAVENTURA, ANTONIO FRANCISCO VILAÇA, DOMINGOS CAZELAS BRANCO, MANUEL DIOGO NETO
Sentados: ROSALINO CANDIDO FEIJÓ, JOSÉ ANTONIO KJOLNER, JOSÉ AUGUSTO DE OLIVEIRA

GRUPO DE DISCIPULOS DE CAETANO ALBERTO (em 1882)

Dos sete artistas que se vêem no grupo é ele o ultimo que se vê em pé á direita, como tambem era o ultimo que restava vivo, salvo o primeiro que se vê em pé, á esquerda, Jorge dos Reis Boaventura, que em 1884 se dedicou a outra profissão e que ainda está, felizmente, vivo.

Só restava, pois, Manuel Diogo Neto, dos gravadores especialmente creados e educados para o OCCIDENTE e que, ainda uma ou outra vez, depois da nova gravura quimica, vinha abrilhantar as paginas desta revista com os primores do seu finissimo e firme buril, de grande intuição artistica e estilo inconfundivel, completamente individual

O registro aqui da sua morte não significa só o de uma individualidade notavel cuja memoria se deve arquivar neste repositório da historia, mas homenagem á memoria de um dos mais brilhantes colaboradores desta revista, tão modesto quanto valioso e a ela tão intimamente ligado, fazendo, como dissemos, parte desta familia fundada ha trinta e sete anos.

Ocioso será, para os assinantes e assíduos leitores desta revista, encarecer os primorosos trabalhos de Manuel Diogo Neto, aqui publicados; mas outros e muitos varios trabalhos seus se encontram esparsos, como finissimas e difissilimas gravuras de notas do Banco de Portugal, acções de companhias e estampilhas do correio, algumas das referentes ao centenario da India, que ele gravou sobre desenhos de nossos primeiros desenhadores e pintores.

Manuel Diogo Neto era natural de Aldeia Galega, onde nasceu por 1862 e, ficando orfão de pae, aos 8 anos de idade, foi educado na Casa Pia de Lisboa, donde sahio para se dedicar á arte de gravura.

Muito inteligente e trabalhador, possuindo bellas qualidades fisicas para a arte a que se dedicou, como excelente vista, firmeza de pulso e bom tato, facilmente conseguiu progredir e fazer-se um artista distintissimo que honrou a sua arte, não só no seu país como em qualquer centro dos mais adeantados onde se apresentasse a competir com primeiros gravadores.

No OCCIDENTE é que se encontram o melhor de seus trabalhos, quer em gravuras reproduzindo quadros de figura, retratos, esculpturas, arquitetura e paisagens, quer em decoração ornamental de que são bellas provas os citados trabalhos de notas do banco, acções de companhias, etc.

As obras deste artista não abundam tanto como as de outros gravadores, porque o periodo da sua actividade foi, relativamente, curto, concorrendo para isso o quasi abandono da gravura de madeira, por 1890, aqui e em toda a parte, desde que appareceu a gravura quimica, mas ainda a fatal doença de coração que de ha muito se lhe tinha manifestado, obrigou-o a maior repouso e a abandonar, quasi, os buris.

Com quanto, os meios de que, felizmente, dispunha, permitirem-lhe todo o descanso de que carecia, seu genio activo contrariava-se na inação, e assim, procurando cuidados que bem podia evitar, empreendeu mandar fazer uma casa para sua moradia, em Campolide. Este empreendimento trouxe-lhe desgostos que afetaram a doença que o minava, e foi depois de ter feito uma das suas costumadas visitas ás obras, que na volta para casa a angina pectoris o atacou formalmente, fa-



MANUEL DIOGO NETO

zendo-o cair na rua das Amoreiras, para não mais se levantar!

Este fatal desenlace, que se deu no dia 10 deste mez e que só dele tivemos conhecimento dois dias depois, feriu-nos dolorosamente.

Por nosso espirito passou uma nuvem de tristeza recordando-nos a já longa historia do OCCIDENTE, dos belos anos da sua infancia animados pelos entusiasmos da mocidade que se agrupava em sua volta encorajando nos para o longo caminho percorrido e, ai de nós, em que dia a dia vamos vendo desaparecer nossos melhores companheiros e amigos, até a perda do discipulo mais querido e que mais nos honrou, Manuel Diogo Neto.

Que descance em paz.

C. A.



Gente da rua, por Albino Forjaz de Sampaio. Santos & Vieira acabam de publicar mais um livro de Albino Forjaz de Sampaio — *Gente da rua* — que o auctor classificou de *novella*.

Parece-nos mais um feixe de curiosas scenas de um realismo crú, e que, a nosso modesto vêr, destoam dos anteriores livros do mesmo auctor:

Palavras cynicas, Chronicas immoraes, Lisboa tragica e Prosa vil — que deram justa e aureolada fama de pessimista a Albino Forjaz.

Todas essas personagens do *Gente da rua* são autenticas, e é traçada com mão firme a de Claudio Costa que, operario agitador, consegue chegar a ministro, renegando as suas primitivas ideias de operario revoltado e luctador incançavel, pugnano com denodo pelo anarchismo e pela equaldade.

Escrepto na fórma incisiva e acre já conhecida em trabalhos anteriores, tem capitulos de um atroz realismo: os capitulos VIII e XIII, por exemplo.

Dotado de excepcionaes dotes de escriptor de elevado merecimento, Albino Forjaz de Sampaio é um dos rarissimos homens de letras que cultivam o espinhoso genero de critica de costumes, vendo tudo pelo lado do pessimismo; por isso o seu livro *Gente da rua* ha de ficar como uma das suas boas obras, mas inferior ás *Palavras cynicas* — seu primeiro trabalho em prosa.

Agradecendo a amavel offerta das editores, aqui deixamos a nossa modesta opinião.

RUY D'ABOIM.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — Recebemos o tomo 5.º, serie 14.º, desta excelente Revista, de que é directôr o prof. sr. Ponte e Sousa.

Os assuntos que, restringindo se intensivamente á especialidade, se tornam do mais variado e mais vasto alcance, são tratados com proficiencia incontestavel. Agradecemos.

Revista da Universidade de Coimbra. — Com interesse vantajosamente justificado, lemos, da primeira á ultima pagina, os n.ºs 2, 3 e 4 do vol. II, correspondentes aos meses ultimos do ano já decorrido. Assuntos — do mais palpitante interesse. Colaboração — da melhor, que, no genero, poderiamos desejar. Simplesmente, como demonstração de justiça, dos nossos mais calorosos elogios, queremos recortar, do sumario, alguns nomes que á consideração de todos se impõem: Dr. José Maria Rodrigues, Luciano Pereira da Silva, Gomes Teixeira, Antonio de Vasconcelos, Teixeira de Carvalho, Ricardo Jorge, etc.



Folhas soltas

Iniciaremos em um dos proximos numeros uma secção com o nome de *Folhas soltas*, a cargo do nosso colega de redacção, sr. Alfredo Pinto (Savagem.)

Folhas soltas

serão pequenas crónicas, leves impressões, esboços apenas, pequenas télas da nossa existencia, assuntos colhidos a esmo nesse labutar de todos os dias. Por isso

Folhas soltas

serão apenas fragmentos desse grande livro chamado — a *Vida!*

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA
NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do país, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904.

Xarope Peitoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1888, Paris 1889, Belem 1893, Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Heroico contra todas as afeções dos orgãos respiratorios, taes como: tosses rebeldes ou convulsas, ataques asma-ticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
PEDRO FRANCO & C.ª
RUA DE BELEM, 147 — LISBOA